PUBVET, Publicações em Medicina Veterinária e Zootecnia.

Estresse em cães no trabalho policial com suspeita de infecção pela *Ehrlichia* sp

Walterez Geralda de Araujo Barboza[1], Lucas Fernandes dos Santos[2], Janaína Trevisan Miceli[3]

[1]Médica veterinária, aluna do curso de Doutorado em Química Orgânica da UFRRJ, mestre em Medicina Veterinária Preventiva, UFRRJ, Inspetora da SEAP. walterez@oi.com.br.

[2]Acadêmico de Medicina Veterinária da Universidade Castelo Branco, Estagiário da SEAP. lucasfs2000@yahoo.com.br.

[3]Acadêmica de Medicina Veterinária da Universidade Castelo Branco, Estagiária da SEAP. janainatmicelli@hotmail.com.

Resumo

Muito se sabe sobre cães atletas, muitos trabalhos e livros com cães abordam comportamento canino. Porém, todos abordam cães de particulares. Pouco se sabe a respeito dos cães de trabalho policial. Cães de particulares vivem em matilha. Possuem liberdade de se expressar com pessoas e outros animais. Cães de trabalho policial vivem em ambientes estressantes. Seu boxe é individual, o contato com seres humanos e animais é restrito e muitos somente saem do boxe de aproximadamente 5 metros quadrados para trabalhar. O período diário de liberdade sem trabalho, quando existe é por volta de vinte minutos diários para cada um. Mesmo já no estresse crônico, durante o trabalho policial os cães

apresentam estresse agudo. Seja em contenção, em intervenção, patrulhamento ou faro, os cães percebem o estresse do seu condutor e de outras pessoas envolvidas nas ocorrências policiais. Estas situações de conflito potencializam ainda mais as alterações hormonais dos animais. As raças empregadas neste canil são pastor alemão, pastor belga malinois e rottweiler. Uma banco de soros mantido em alíquotas congeladas será importante para e quantificação de anticorpos e para dosagem de hormônios como cortisol nos cães. Carrapatos recolhidos dos cães estão sendo armazenados em álcool isopropílico, que preserva DNA para futuras identificação da *Erlichia* sp. responsável pela infecção.

Stress in police work dogs with suspected infection *Ehrlichia* sp

Abstract

Much is known about dogs athletes, many works and books with dogs discuss canine behavior. However, all cover personal dogs. Little is known about the police working dogs. Private live dogs in the group. Have the freedom to express themselves with people and other animals. Police working dogs living in stressful environments. His boxing is individual, the contact with humans and animals is restricted and many only go out of boxing for approximately 5 square feet to work. The daily period of freedom without work, when there is around twenty minutes a day for each one. Even already in chronic stress during the police dogs have acute stress. To be in contention, in speech, patrolling or faro, the dogs perceive the stress of your driver and other persons involved in police occurrences. These conflict situations increase even more the hormonal changes of animals. The raças employed in this Kennel are German Shepherd, Belgian Shepherd malinois and rottweiller. Serum for the dosage of antibodies and hormones is being mounted to future work in the area of acute stress in dogs for police work. Ticks also are being mounted to future Erlichia DNA identification.

INTRODUÇÃO

Os gêneros *Rickettsia, Orientia, Coxiella, Bartonella, Ehrlichia* e *Anaplasma* são bactérias da família *Rickettsiaceae*. A erlichiose possui risco para os seres humanos, pois a infecção já foi reconhecida como uma zoonose (ALMOSNY, 2002). O estresse canino diminui a capacidade de reação nas infecções (TIZARD, 2001). O sucesso do tratamento na infecção por *Erlichia canis*, a principal espécie que infecta os cães, depende diretamente da capacidade de resposta individual. Como a área de entorno do canil do Grupamento de Operações com Cães é endêmica para carrapatos, o uso de medicamentos carrapaticidas e repelentes evita a infestação, mas não evita a mordida por carrapato. A doença pode ser controlada desde que o organismo do cão tenha capacidade de reagir, pois caso contrário, a sintomatologia persiste mesmo após o tratamento. A literatura aborda casos de uveíte após a infecção por *Erlichia canis.* Alguns pacientes podem apresentar poliartrite supurativa devido a deposição de imunocomplexos (poliartrite asséptica por hipersensibilidade do tipo III), uveíte e pontos hemorrágicos na íris (FREIRE et al, 2011). O tratamento com doxiciclina por 21 dias não oferece resultado satisfatório para todos os cães (NELSON, 2010). O objetivo do trabalho foi avaliar se o tempo de tratamento tradicional é eficiente para cães submetidos ao estresse do trabalho policial.

DESENVOLVIMENTO

Durante um ano foi feita coleta de sangue com EDTA em tubos tipo *vacutainer*. O hemograma completo foi feito no Instituto Municipal Jorge Vaitsman. A suspeita de erlichiose foi confirmada pelo esfregaço sanguíneo obtido da ponta de orelha que sete do total de oito cães do canil do GOC (Grupamento de Operações com Cães da Secretaria de Estado de Administração e Segurança Penitenciária do Rio de Janeiro (SEAP) em Bangu, no Rio de Janeiro, estavam com erlichiose. A sorologia foi realizada com o teste SNAP 3DX. Todos foram tratados por 28 dias com doxiciclina na dosagem de 10 mg/Kg a cada 24 horas (Nelson e

Couto, 2001). Porém, um pastor alemão de dois anos de idade (figura 1), apresentou opacidade corneana em ambos os olhos. O aspecto translúcido só foi gradativamente desaparecendo após 48 horas de tratamento. Neste período foi administrada suplementação nutricional com levedo de cerveja e ferro por via oral. Uma recidiva foi observada após quatro meses. A sintomatologia apresentada foi a mesma, sendo confirmado pelos mesmo exames laboratoriais. No segundo tratamento, foi preciso aumentar o tempo de uso da doxiciclina para 38 dias. Este cão não consegue curar-se da infecção, apesar de ter resposta ao tratamento a cada seis meses.

O controle de ectoparasitas é feito com coleiras, banho periódicos com produtos antiparasitários, uso de carrapaticidas nos boxes e vassoura de fogo uma vez ao mês. Para assegurar o bem estar, animais que não se adaptam ao ambiente são doados preferencialmente ao seu condutor, ou pessoa idônea habilitada à condução que se responsabilize pelo cão.

CONCLUSÕES

A SEAP oferece ração de melhor qualidade de alta energia, nível *super premium*, medicação para profilaxia, acompanhamento veterinário, boxes com acabamento em cerâmica, água de boa qualidade em abundância, repouso compatível com o necessário para recuperação devido ao desgaste do trabalho e ainda plantonista responsável pelos cães. Para mitigação do estresse tem funcionado nos outros cães exercício regular na guia e liberdade por um período mais prolongado. O uso da doxiciclina como profilaxia para a erlichiose é um recurso indispensável para cães que desempenham atividade de polícia. As recidivas ocorrem após eventos estressantes rotineiros, sem relação com reinfestação por carrapatos. A frequência de sintomatologia parece estar relacionada ao estresse de seu trabalho e ao ambiente confinado peculiar do sistema prisional. Cães de trabalho policial devem ser mais estudados a respeito do estresse canino e suas consequências na higidez destes animais. Maiores investigações por sorologia e identificação de DNA de *Erlichia* sp. em carrapatos

poderão identificar a espécie responsável pela infecção. Este trabalho sugere que o tempo de tratamento para cães de trabalho policial deve ser maior que o recomendado tradicionalmente devido ao estresse peculiar da atividade.

Figura 1- Opacidade corneanacom 48 horas antes do tratamento

Agradecimentos: Ao Instituto Jorge Vaitsman e a Universidade Castelo Branco pelos exames. Fortrio pelas vacinas doadas. Seropec Shopping Rural pelo apoio na divulgação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMOSNY, N.R.P.; MASSARD, C. L., (2002). **Erliquiose em pequenos animais domésticos e como zoonose. Rio de Janeiro**. L. F. Livros de Veterinária Ltda. p.174.

FREIRE, M. N.; RODRIGUES, C.; OLIVEIRA, C. **USO DE FISIOTERAPIA NA POLIARTRITE POR EHRLICHIOSE CANINA**.http://www.greepet.vet.br/poliartrite.php acesso em 12/06/2011.

NELSON, R.W.; COUTO, C. G. **Medicina Interna de Pequenos Animais.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010, 1084 p.

ORIÁ, E. P et al .Achados oftálmicos, hematológicos e sorológicos em cães com suspeita de infecção pela *Ehrlichia canis.* **R. bras. Ci. Vet.,** v. 15, n. 2, p. 94-97, maio/ago. 2008.

TIZARD, I.R. **Imunologia Veterinária**. São Paulo: Rocca, 2002,532p.